

# A entrevista do governador baiano

GAZETA MERCANTIL

27 MAR 1992

por Getúlio Bittencourt  
de Nova York

Depois de seu discurso a um grupo de aproximadamente 120 banqueiros e empresários reunidos ontem pela Câmara de Comércio Brasil-EUA, o governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães, respondeu a várias perguntas da plateia. Segue-se um resumo conforme anotado por este jornal:

**Pergunta — O senhor disse que uma nova era se abre para o Brasil. Que eventos estão para acontecer que justificam essa afirmativa?**

ACM — Em primeiro lugar, louve-se este governo atual por isso, que eu defendi muito antes, resolvemos o problema da informática. Vai ser resolvida a questão da propriedade intelectual, embora possa não ser como os EUA querem. Do ponto de vista social, uma nova legislação precisa tratar do problema dos aposentados. Será resolvido em breve o sistema de governo entre parlamentarismo e presidencialismo. Creio que também precisamos de uma nova lei de remessa de lucros para tranquilizar o investidor externo. Pode ter faltado algum item, mas estou disposto a comentar os que forem propostos.

**Pergunta — Sobre a questão da falta de consenso político no Brasil...**

ACM — Divergências sempre vão existir no regime democrático. O problema no Brasil não é esse, mas sim a falta de representatividade dos partidos políticos. Como se vê nesta eleição presidencial aqui nos EUA — onde os partidos são representativos da sociedade —, partidos fortes são indispensáveis ao funcionamento democrático. Outro fator importante, que não mencionei na resposta anterior, é a liberalização da economia. A eco-

nomia vai ser liberalizada. Mas, atenção, não pode ser a ponto de destruir o parque industrial brasileiro. Os americanos precisam ter compreensão com esse ponto.

**Pergunta — Se o regime de governo no Brasil vai ser presidencialista ou parlamentarista...**

ACM — Disso não tenho certeza. Não sei se o povo vai votar pelo parlamentarismo. Se fosse depender apenas do Congresso, o regime seria parlamentarista. Não existe também muita consciência popular sobre o que seja o parlamentarismo. Pode ser que isso mude com o debate que haverá. Temo que esse debate possa afetar as instituições, porque os parlamentaristas podem atacar os pontos fracos do presidencialismo e vice-versa.

**Pergunta — Que efeito terá o Mercado Comum do Sul (Mercosul) sobre o Estado da Bahia?**

ACM — Creio que em relação ao Brasil o Mercosul vai funcionar bem dado o tamanho da nossa economia e as economias de escala que se tornam possíveis. Mas em relação ao Nordeste ele terá pouca influência. O presidente do Uruguai disse recentemente que o Mercosul vai afetar só a região Sul do Brasil, deixando de lado mesmo o Rio de Janeiro e Minas Gerais.

**Pergunta — Se o problema básico do Brasil não seria a educação...**

ACM — Um País que não cuida da educação não pode crescer. Concorro com tudo que o senhor falou. E o Brasil não está cuidando, nem mesmo o meu estado, e o que é mais grave, nem mesmo o Estado de São Paulo, os professores não são bem remunerados. Aliás, nem mesmo nos EUA os professores estão sendo bem remunerados. Mas pelo menos aqui existe

um ambiente propício para o estudo. Nosso problema é grave igualmente no ensino superior. Temos uma distorção que todos os governos prometem resolver e acabam recuando, como o atual governo recuou, que é a de não cobrar pelo ensino superior. Com isso os jovens mais ricos, mais bem preparados, vão para as escolas públicas, e os mais pobres financiam o ensino privado. Mas para acabar com isso é preciso moralidade administrativa. A moralidade é tudo.

**Pergunta — Com a sua experiência de ministro das Comunicações no governo anterior, pode dizer se a Telebrás vai ser privatizada neste ano.**

ACM — Não acredito que seja privatizada neste ano. Deverá ser privatizada, mas não neste ano. Acho aliás que foi bom a Telebrás não ter sido privatizada até agora. Com isso foi possível estendermos uma rede de telecomunicações até lugares como Rondônia e Acre, que não teriam esse sistema se a Telebrás fosse privada. Agora que o sistema está implantado e funcionando, está certo privatizar.

**Pergunta — O que pode ser feito para combater a**

**corrupção no Brasil atualmente?**

ACM — Que a Justiça seja mais ágil. Dê o exemplo de um corrupto que vá para a cadeia, que pague pelo que fez. A impunidade é a mãe da corrupção. A corrupção existe em todo lugar, aqui nos EUA, no Japão se vê exemplos todos os dias. A diferença é que aqui os corruptos pagam. No Brasil precisamos de uma reforma do Código Penal, porque o atual permite que todo corrupto que tem um bom advogado escape da prisão. Eu já pedi ao presidente do Tribunal da Bahia que inicie uma campanha nacional da Justiça para pedir ao Legislativo um novo Código Penal.

**Pergunta — Que risco o senhor vê, dado o que acontece na Venezuela no momento, de uma reversão no processo de democratização da América Latina?**

ACM — Eu diria que não há hipótese de que o regime brasileiro não seja democrático. A nossa situação é de absoluta tranquilidade, os políticos agem com liberdade, a nossa imprensa, que é uma das mais agressivas do mundo, é inteiramente livre. Nesse ponto os investidores externos podem ficar tranquilos.